

“Mães, falemos de maternidade”. Estudo antropológico da maternidade¹

Autora: Violeta Sarai Salazar Salazar Mestranda PPGAS/UFAM. Manaus

Co-autora: Profa. Dra. Raquel Wiggers PPGAS/UFAM. Manaus

Palavras-chave: **Maternidade; Gênero; Feminidade.**

As mulheres são a unidade chave para que aconteça a reprodução social da humanidade, representam a “fabrica”. Scavone (2001, p. 139) afirma que “nos Estados Unidos, a corrente feminista mais radical condicionava a libertação das mulheres à chegada dos bebês de proveta, supondo que, nesse momento, a maternidade não se passaria mais no corpo das mulheres.”. Porém mesmo na época tecnológica, o útero da mulher não foi suplantado. Com o passar do tempo surgem mais casos de mulheres decidindo não estabelecer uma relação de casal, nem mesmo ter filhos, considerando que essas ações representam uma perda de sua liberdade individual, uma dominação de seus corpos. As mulheres têm ganhado voz para expressar o que realmente sentem ao ser mulher e ser mãe. Elas têm começado a expressar seu descontentamento com a maternidade, com os compromissos, com as responsabilidades impostas socialmente às mães. Desde o início da gravidez a mulher é submetida ao controle social de seu corpo. O jeito como parimos, como amamentamos, tudo é controlado por uma série de estabelecimentos sociais.

Atualmente tem se estabelecido discussões dos movimentos feministas, um grupo de mulheres defende a teoria que a dominação de seus corpos passa pela exigência da sociedade de constranger a mulher no papel reprodutivo e, portanto, de mãe. Elas defendem a ideia de serem controladas por imposições aparentemente inerentes à maternidade, nos corpos femininos. No entanto, as mulheres feministas que desejam ter filhos e que não consideram que isto seja uma dominação de seus corpos, aspiram à condição que a sociedade seja mais participante ativa no processo de cuidado das crianças, devido que como expressa Bitencourt (2011, p. 107) “ter filhos significa mudar da coletividade produtiva para o isolamento do mundo privado”. Para Scavone (2001 apud Bitencourt, 2011, p. 114-115) a sociedade moderna se compõe com “proles

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

reduzidas, mulheres com carreiras profissionais [...] produzindo e reproduzindo, mães ou pais criando seus filhos sozinhos [...] o modelo que busca se adequar às mudanças da vida contemporânea, ao mesmo tempo em que é forjado por estas mudanças, redesenhando o funcionamento e a estrutura da família contemporânea”.

Os movimentos feministas, os estudos de gênero e o desafio ao patriarcado são cada vez mais catalisadores de discussões sobre qual é o papel das mulheres. Discute-se: toda mulher deve ser mãe? Ter um filho faz uma mulher maternal? E maternidade, o que é isso? Mesmo que ainda não esteja muito claro, porque são informações passadas de geração em geração, avós para mães e mães para filhas, as mulheres começam a expressar seu descontentamento com a maternidade e com as obrigações que lhes são atribuídas quando tornam-se mães.

A ideia é analisar o que algumas mulheres mostram e compreendem de seu processo de maternar. Compreender um fenômeno imperceptível de colapso nas mães, que em algumas oportunidades até os discursos feministas deixam de lado uma realidade vivida em solidão.

Esta pesquisa foi desenvolvida com a participação de 5 mulheres que estariam dispostas a participar como interlocutoras, além de acompanhar discussões e fazer perguntas num grupo de mães em Whatsapp chamado Madres de Maturin², integrado por 39 mulheres. Também foram analisados comentários diversos em uma conta de Instagram denominado *@agobiosdemadre*³ com más de 980mil seguidores de diversos países de latino América, administrada por Carla Candia, jornalista e mãe de duas crianças. Para esse primeiro trabalho apresentaremos dados superficiais e simples de discursos das interlocutoras, sem aprofundar na estrutura familiar e história de cada uma, porque por ora só nos interessam os discursos que se colocam em público, na rede social. Da mesma forma, acompanhei as conversas em algumas publicações, onde a administradora de *@agobiosdemadre* toca em assuntos relacionados com os conceitos a serem discutidos (maternidade, instinto materno, natureza feminina e obrigações

² Madres de Maturin, grupo whatsapp, foi fundado na cidade da Venezuela, Maturin. É um grupo de mães, criado com a finalidade de conversar, compartilhar e criar uma camaradagem entre as mães, geralmente no puerpério, para que se sentissem acompanhadas nesse momento de tanta vulnerabilidade emocional. Buscando criar um espaço íntimo de alívio e esclarecimento de dúvidas. Ele nasceu depois de uma reunião, em um café de várias mães conversando, que tomou o mesmo nome do grupo do WhatsApp. A ideia era discutir, falar sobre a maternidade. As mães do grupo expressam descontentamento quando comparam seus filhos com as de outras mães, ao desespero por querer desmamar seus bebês. Passando por doenças, noites sem dormir e outras questões relacionadas à maternidade

³ *@agobiosdemadre*, Agobios de Madre “Agonias de mães”

maternas) em Instagram, observando as respostas a essas abordagens e preocupações que as mães manifestam. Também fizemos entrevistas abertas e espontâneas através de Whatsapp, estabelecendo conversas, mais íntimas de confissões que não são explicitadas em público.

As redes sociais ou social network, funcionam como um espaço onde as colocações tem múltiplas formas de serem observadas e lidas, até juizados, criticado ou exposto numa opinião publica. Devido aos posicionamentos imediatos, à velocidade da comunicação, à ausência de distancias geográficas, o espaço público virtual permite desenvolver um campo que poderia se considerar observação participante. Guaimarães (1999) considera que o ciberespaço oferece muitas outras possibilidades de investigação a partir do prisma da Antropologia, sendo um fenómeno emergente e multifacetado da contemporaneidade. Não obstante, é um contexto social com alguns pontos vazios que só acontecem numa relação social física, como expressão, emoções, postura corporal, linguagem do corpo, tono de voz, velocidade da fala, etc. Fatores que condicionam o significado dos mensagens transmitidos, das relações que se estabelecem. Ao mesmo tempo, isto gera um espaço impessoal de confiança para expressar livremente maneiras de pensar, emoções, diversos discursos escritos o falados por mensagens de voz.

Instagram e Whatsapp são as redes sociais usadas como ferramentas fundamentais para o contato com as interlocutoras desta pesquisa. Instagram é uma rede social que iniciou funcionamentos em público em 2010, criada para a publicação de fotos e vídeos, com a opção de escrever comentários ao pé de fotos ou vídeos, e interagir com comentários. Em janeiro de 2018 Instagram era usado por mais de 800 milhões de pessoas no mundo, sendo 51% de mulheres, destas aproximadamente, 245.000.000 mulheres com idades compreendidas entre 18 e 34 anos. Por outro lado, Whatsapp, é um aplicativo de celular para intercambiar mensagens de textos, áudios, vídeos, fotografias, documentos, realizar ligações y vídeo chamadas, começou funcionar em 2009, atualmente tem “mais de 1 bilhão de pessoas, em mais de 180 países usam WhatsApp para manter contato com amigos e familiares, em qualquer hora, em qualquer lugar.”⁴

Discussão teórica:

Nesta pesquisa procuro comparar os conceitos de maternidade estabelecidos na sociedade com o que as mulheres realmente vivem em suas experiências de ter filhos.

⁴ About Whatsapp. <https://www.whatsapp.com/about/>

Analizamos então os conceitos que compõem a maternidade, que foram considerados como naturais e compreendidos, como "instinto materno", "obrigações", "natureza feminina"

Acontece que os processos socioculturais foram naturalizados, conforme expressa criticamente Saffioti (1987): "é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público... naturalizando um resultado da história", esse processo histórico há ocupado as análises de várias feministas como Gayle Rubin e Judith Butler, procurando localizar no tempo a origem da dominação masculina e explicar o sistema sexo/gênero. Na nossa era romântica, o discurso em torno à maternidade está dominado pelos aspectos mais fisiológicos da função: procriação, gestação, parto e aleitamento, reafirmando para a mãe a função puramente nutritiva, que a natureza tem lhe outorgado visivelmente.

Molina (2006) comenta que numa época a obrigação primeira da mulher a respeito da prole é a de trazê-la ao mundo, o espaço doméstico era naturalmente da mulher, e o "espaço público era simbolizado hierarquicamente, com a valorização positiva destinada aos homens. Comenta Beauvoir (1949), como as mulheres aceitam seu destino biológico, gestar e amamentar são funções naturais e não atividades, por tanto nenhum projeto os afeta; as tarefas domésticas constituem as únicas conciliadoras com as agonias da maternidade, deixando as mulheres numa posição de repetição todos os dias de tarefas, que se repete século após século, sem produzir nada novo.

A mulher que ousava ser pública era percebida como sendo de moral duvidosa. Era rotulada, na maioria das vezes, como: "depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher também se diz a 'rapariga' – pública é uma 'criatura', mulher comum que pertence a todos". (PERROT, 1998, p. 7)" (Bitencourt, 2001, p-85). Porém com o transcurso do tempo, das conquistas dos movimentos femininos, dos processos de conciliação do trabalho fora de casa para a mulher, elas expressam seu descontentamento com essa construção sociocultural da maternidade, por quê isto está acontecendo? Qual é o papel social de uma mãe? Bitencourt (2011) reconhece que a emancipação feminina, contribuiu significativamente para que as mulheres pudessem ingressar nas escolas e no mercado de trabalho, mas não lhes garantiu o total desprendimento do papel social de "esposa e mãe".

"Entre o modelo reduzido de maternidade com uma variedade crescente de tipos de mães (mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães "produção independente", casais "igualitários") e as diversas soluções encontradas para os cuidados das crianças (escolas

com tempo integral, creches públicas, babás, escolinhas especializadas, vizinhas que dão uma olhadinha, crianças entregues a seus próprios cuidados, avós solícitos), a maternidade vai se transformando, seguindo tanto as pressões demográficas, natalistas ou controlistas, como as diferentes pressões feministas e os desejos de cada mulher.” (Scavone 2001)

Contudo a maternidade é idealizada socialmente, sendo a mãe a única responsável pelo cuidado, educação e proteção do filho, limitando suas ações em outros âmbitos de sua vida.

“Diante desta evidência da identidade da mulher-mãe representada socialmente a partir do atributo do “ser cuidadora”, podemos verificar a força da imposição social deste atributo para a construção da identidade da mulher-mãe.” (Fabbro, 2006; Elias, 2010; Vasconcelos, 2009 apud. Bitencourt, 2011: p 298)

A mãe é considerada como aquela pessoa que ocupa uma posição importante na vida de um ser humano e é evidenciado na sociedade no discurso social, quando é dito por grande parte das pessoas no ocidente que “a mãe é a coisa mais importante que possuem na vida”. A ausência ou presença da mãe na vida dos indivíduos tem sido uma razão de piadas, insultos, etiquetas, discriminação ou inclusão, nas sociedades ocidentais. Deixando evidenciado que a maternidade é uma instituição social de vital importância para a formação das sociedades. Bitencourt (2011, p. 114) se refere ao estudo da maternidade dizendo que “hoje, a maternidade deve ser analisada como uma rede complexa não fixada somente na ideia de ser uma comprovação do poder ou desgraça de uma natureza feminina.”

Assim, escolhi analisar a natureza feminina desde o ponto de vista das mesmas mães, devido a que eram repetidos os reclamos nas redes sociais e em conversações privadas: “quando vou ser mulher?” “Quando vou a voltar a ser eu?”. Deixa ver que a maternidade para essas mulheres vem como um fato transformador de sua identidade como mulher. No século XX, Badinter (1986:11, citado por Salem 1987) afirmava que as mulheres haviam interiorizado jovialmente sua alteridade viril, sendo uma verdadeira criatura andrógina, era ao mesmo tempo viril y feminina, mudava de função segundo o momento do dia ou período da vida, “as mulheres atuais embaralham o jogo das identidades” disse. Mais para frente veremos que isto segue sendo assim, só que com um desejo gritado de que seja reconhecida essa versatilidade pelo companheiro, a família, a sociedade.

As famílias ocidentais de classe média, profissionais, geralmente se conformam em núcleos de pais e filhos, distantes das famílias de origem. Desta característica deriva a

“crença de que o casal não deriva sua realidade dos grupos a que cada cônjuge pertence sendo, ao invés, instituído pelo ‘desejo’ dos sujeitos” (Salem 1987 p.28), portanto os códigos morais que se derivam do casal insistem na segmentação e centralidade que busca diferenciar-se das famílias de origem. Isto leva refletir como acontece a distribuição das responsabilidades e obrigações da relação no que Salem (1987) chama de “casal igualitário”. Certamente os padrões éticos e morais do casal de classe média são caracterizados por um princípio de indistinção de domínios e/ou de qualidades femininas e masculinas, evitando as qualidades diferenciais que associam pai à autoridade e mãe ao afeto. Não obstante, não deixamos de ver a diferença de papéis entre ambos, não deixa de haver queixas de parte das mulheres quem além do cuidado dos filhos, cumprem horas de trabalho fora de casa igual ao homem.

O olhar de Salem (1987) a uma nova tendência de alguns casais de classe média em buscar um parto humanizado, amamentar e, possivelmente, com uma abordagem mais respeitosa da parentalidade é muito interessante. Porém, é do meu interesse mostrar que, apesar de todas essas realizações, em 2018, mesmo as mulheres que têm um parceiro participativo na educação das crianças, continuam tendo pesadas cargas de trabalho durante todo o processo de maternidade, e são muitas as alegações de incompreensão por todas as emoções e tarefas que fazem parte desse processo. As novas parentalidades, nova paternidade, defesa do parto natural, mulheres tomando o controle de seus corpos; transformações no significado da parceria em esta modernidade do século XXI; modelos de família diversos, diversidade sexualidade, novas distribuição das obrigações, novas paternidades, parceria, matrimônio, feminidade, cuidado pessoal, harmonios, corpo, vida social distinta da vida biológica; são parte das bases para os argumentos das transformações nas relações de gênero. Salem reconhece:

“Admito especificidades e idiosincrasias próprias á modalidade de parceria em pauta e por isso descarto concebê-la como um microcosmo do universo individualista. As ilações acima sugerem, tão somente, que a organização individualista –e seu principio mestre, o igualitarismo- encerra tensões e paradoxos que lhe são constitutivos.” (Salem, 1987: p36)

A chegada de um ser humano à vida, traz consigo uma série de responsabilidades “merecedora de todo e qualquer sacrifício, feito, inclusive, de maneira altruísta e até prazerosa...” (Trotta, 2016). E como comentei anteriormente, a construção social da maternidade coloca a mulher como responsável principal de ser humano em formação. Outros fatores e instituições como matrimônio, a proibição do aborto, oposição aos métodos anticoncepcionais, ideologias que reforcem a violência doméstica, terminam

sendo instituições e rituais de nossa época que muitas vezes obrigam as mulheres a cumprir sua função de maternas mesmo sem que elas queiram assumir totalmente esse papel.

Isto nos leva a pensar no Instinto materno, o “amor incondicional da mãe”. O amor das mães aos filhos é visto como algo evidente, supondo que ela sente mais prazer dando amor para os outros, que sendo amada. Além das expectativas sociais da maternidade na modernidade, uma mãe segundo o conceito de algumas mídias, é a mulher que tenha tido filhos. A mulher que tem filhos, se encontra com uma série de responsabilidades inerentes à maternidade que levam à outro universo de emoções e dimensões que mudam a vida social da mulher. Ser mulher, esposa, mãe e sexualmente feliz se divide em identidades distintas como a Deusa Grega que se "converte em uma esposa subordinada dividindo suas qualidades entre múltiplas deusas. As múltiplas deusas representam dimensões femininas complexas e multifacetárias" (Molina, 2006).

Maternidade explicitada na rede:

Durante as análises das falas via mensagens de textos, notas de voz, em falas espontâneas, entrevista, conversei com as mães para saber, o que lhes agrada e que lhes incomoda da maternidade. No Instagram, há inúmeras de contas⁵ que representam espaços para falar sobre temas relacionados à maternidade, conselhos sobre alimentação, cuidados com as crianças e mulheres, tipos de parentalidade. São contas dirigidos por psicólogos, terapeutas e infinidades de mães com perfis dedicados a fazer outras mães se sentirem afins num lugar para expor suas dúvidas e encontram outras mães que vivem situações semelhantes. As mais ousadas tornam públicos seus desconfortos na “Social Network”, e ao mesmo tempo possibilitam que mulheres manifestem suas alegrias em ser mãe, permitem que manifestem também seus medos, discordâncias, cansaço, angústias.

Carla Candia, é uma jornalista venezuelana que em 29 de março de 2013 publicou seu primeiro post no Instagram, numa conta que se chama “Agobios de madre” (Agonias de mãe) a fim de mostrar sua experiência como mãe e promover um hashtag⁶ #MadresReales® para ser usado como uma forma de protesto diante de uma

⁵ Contas de instagram são perfis de pessoas ou empresas, utilizadas para publicar conteúdos.

⁶ Hashtag anglíssimo para “etiqueta” ou “tag”, uma modalidade de identificação de publicações utilizadas por diversas redes sociais

maternidade ideal, uma maternidade "perfeita" onde o amor romântico, a beleza física da mulher, a energia física, a vida do casal e do lar são inalteráveis logo na chegada das crianças. Ela mesma descreve como nasceu sua conta no Instagram, atualmente com 984.000 (Figura 1) seguidores e 4677 publicações⁷:

“Antes de engravidar de Alana, quando nos casamos, meu marido e eu fomos fazer um mestre. Eu fiz um mestrado com foco em jornalismo digital. Volte para Vzla com Alana, me pedem um texto em uma revista sobre como alguém se torna mãe, que é o que acontece emocionalmente. Tudo o que você pensou sobre a gravidez é agora realidade, mas é diferente. Gostaria de escrever sobre a maternidade, e pensei, é isso que quero fazer. Eu escrevi alguns suplementos para uma revista. Meu marido recomendou uma conta no Twitter. Um amigo me disse: Carla, o que você tem que escrever é o fardo das mães modernas. E gostei da palavra oprimida, porque naquele momento me senti oprimida, transpassada pela maternidade. Mencionei o nome para minha mãe e minha mãe me disse: oh, as crianças não são um fardo. Eu acho que a incapacidade de ver a maternidade como um fardo, ou para reconhecer que se está sobrecarregado, é como algo herdado de outras gerações, porque antes eu tinha que guapear e sorrir, e não se podia dizer que não estava certo. Hoje é diferente. Então, quando minha mãe me disse isso, fiquei mais convencida de que esse era o nome, porque eu queria um nome que gerasse reações” [...]” (Carla, Audio Whatsapp 31-10-18) (Tradução nossa)



Figura 1. Perfil Agobios de Madre. Por Carla Candia.

O relato de Carla me faz lembrar dos primeiros encontros com minha orientadora e coautora deste texto, explicando para ela o que me motivou a levar uma investigação como esta para a frente, digo: “minha mãe critica as mães de hoje porque no seu tempo a maternidade era algo que vinha no sangue da mulher, não havia motivo para reclamar”. E imediatamente ela responde: "virá no sangue? Ou é uma criação da sociedade?". Num post cuja imagem disse: “É a maternidade uma vocação?”, Carla abre o diálogo com o seguinte texto:

"[...]A maternidade é uma vocação ou uma ocupação? [...] por um longo tempo, a maternidade tem sido vista como um estágio na vida de uma mulher, "você tem um namorado, você se casa, você tem um filho e você forma uma família". Entretanto, ver a maternidade dessa maneira me parece um erro. Nada é para todos e isso inclui a maternidade. Eu não concebo minha vida sem maternidade, mas sou eu quem decide. Hoje em dia eu li um artigo que falava sobre uma investigação e um livro de mulheres que se arrependeram de ser mães. Sem julgá-lo, acredito profundamente que "o ideal" para se tornar mãe é sentir um "**chamado**" em nosso coração. Esse "chamado" é uma vocação. Para mim a maternidade é muito mais que uma ocupação, é parte de mim, é a

⁷ na data: 01/11/18

minha essência, é minha missão ou uma delas. Médico que sente uma profunda necessidade de ajudar e curar, um comunicador que têm desejos intensos e da mesma forma que são mães sentem um desejo incontável de ensinar, acompanhar, cuidar, proteger, educar e acima de tudo amor. Depende de como vemos, é claro, mas eu optar por olhar para a maternidade como uma vocação, porque ninguém me obrigou, não era algo que "caiu no meu colo", é algo que primeiro sinto no meu coração " (Post do 28/06/17 @agobiosdemadre. Grifo nosso; Tradução nossa)

Os seguidores curtiram a imagem, o que significa que leem e gostam dela, cerca de 113 comentários e 646 curtidas. Muitos refletem e concordam com a administradora, deixando claro que a maternidade não é para todas, contam suas experiências em detalhes, como por exemplo o nascimento de seus filhos acordam emoções que não sabiam que tinham. Sendo, então, um tema que percorre vários discursos, de amor, decepção, cansaço e responsabilidades esperadas e/ou inesperadas. Consciente de que nem toda mulher nasceu para ser mãe, mesmo que tenha concebido uma criança, uma das mães do grupo de Whatsapp “Madres de Maturin” expressa: “[...]há mães que parecem não amar seus filhos ou pelo menos não mostram isso, obviamente pode se derivar de milhares de variantes, mas por exemplo para mim não faz sentido abandonar uma criança![...]” (Madre N. Chat Whatsapp MdM⁸, 22/10/2018; Tradução nossa)

Nesse movimento de redes sociais e comunicação eficiente, os diálogos das mulheres mostram uma busca pela autodefinição, como mulheres, como mães. No entanto quando as mães são consultadas sobre em que momento elas serão mulheres, as respostas são diversas, mas a maternidade sempre difere de ser uma mulher.

“[...]O que eu acredito é que existe um conflito entre ser mãe e ser uma mulher economicamente produtiva. Porque é suposto que quanto mais você tem em sua conta, mais bem sucedido você é. E se alguém é dedicado à maternidade, isso não lhe dará um centavo, não quero dizer nada. É o meu conflito, talvez o de outra pessoa, mas o meu é particularmente” (Joanne, 29/07/2018) Tradução nossa.

Falemos de *Joanne*, mulher profissional, graduada como Gerente de Recursos Humanos. Casada. Mãe de duas crianças. Ela é uma mulher com uma visão de família hegemônica, manteve um namoro até que ela cumprisse tudo o que a igreja ordena. Ela se casou e depois de alguns meses ela engravidou, o que a princípio foi um pouco problemático porque ela é diabética e sua família ficou alarmada porque poderia morrer. Morava na casa dela com o marido, longe da família da mãe e do marido, para gerenciar a família e as decisões à sua maneira. Joanne vive a maternidade com a ideia constante de que ser mulher é algo mais do que ser mãe. Sente saudades de ser mulher novamente,

⁸MdM: Madres de Maturín

sair, trabalhar fora de casa. Ela ama seus filhos, mas sempre quer um espaço para estar sozinha com ela mesma. Ela afirma que o seu conflito está na produtividade como mulher, sendo mãe dedicada ao cuidado diário das crianças, impossibilita o emprego o que pudesse gerar mais renda para a casa. Seria então uma mulher produtiva, mulher-trabalho, que produz capital.

Há também outra versão, outro ponto de vista, a mulher-amante, a companheira, diferente da mãe, *Rosa* trabalha na PDVSA, é mãe de duas crianças. Mora com o pai dos seus filhos. Renunciou à seu antigo emprego de supervisão, para estar com seus filhos. Trabalhadora, empreendedora, feminina, mulher elegante. Estabeleceu um relacionamento com um homem casado com filhas adolescentes. Ela ficou grávida de seu primeiro filho sendo amantes e daí decidiram morar juntos e formar um lar. Ele, um homem com uma alta hierarquia na PDVSA. Explicou que às vezes se sentia extraterrestre em seu trabalho porque falava sobre os avanços, aprendizados, novas ocorrências de seus filhos. Ela considera que o escritório é um mundo que torna se incomodado por uma mãe amar seus filhos. Em algum momento de crise em seu relacionamento, a razão principal foi o reclamo dele por ela ser mãe 24 horas e não ter tempo para ele, ele disse: "Quando você vai deixar de ser mãe e for esposa?", referiu-se às atenções exclusivas para ele como homem, tempo a sós com ela e relações sexuais contínuas, "como quando não tinham filhos". No entanto, em outra conversa, quando pergunto sobre ser mulher e feminilidade, ela responde:

“Quando eu vou ser mulher de novo?! Às vezes tenho ganas de voltar ser uma mulher de novo, ser uma mulher entenda-se: colocar maquiagem, usar saltos, fazer exercícios, me deixar linda para me ver bonita, para mim, para me sentir feminina e assim por diante. Eu fui muito descuidada comigo mesma, na verdade comigo sinto que ainda sou muito descuidada, especialmente com o tema da minha saúde, que é importante principalmente para cuidar dos filhos e durar como mãe. Negligenciada com a minha saúde, antes que eu fosse descuidada de todos os pontos de vista” (Rosa Audio Whatsapp 22/10/18. Tradução nossa)

É evidente que como expressa Molina (2006) ser mulher é uma experiência multifacetada que será condicionada pelo processo de vida, ambiente e experiência de cada um. Sendo que para algumas se sentir mulher é diferente de ser mãe, passamos a analisar a ideia de maternidade que é colocada no grupo de mães do Whatsapp MdM (Madres de Maturin), “desde quando são mães?”:

– "Bem, eu não decidi, [...] eu tenho sido mãe desde que o biônalista me disse que era positivo" Mãe C. 22/10/2018

- "Eu me tornei uma mãe de 3 príncipes, um procurado e outra foram surpresa hehe mas serei mãe até eu morrer" Mãe R. 2018/10/22
- " ... E eu acho que sou mãe não desde o teste caseiro ou sangue deu positivo, mas a partir do primeiro ultrassons, quando ouvi seu coração, comecei a chorar ainda me lembro da voz do meu médico: Parabéns Mãe N [...] e agora sou mãe de dois lindos filhos (menina e menino) "Madre N (22/10/2018)
- A maternidade para mim começou desde que o resultado foi positivo. A partir daquele dia, comecei a cuidar da minha gravidez e me cuidar mais pôr a gravidez. Mãe A [12:48, 22/10/2018]
- □ [...] vos falo que eu decidi não ser mãe !!! Mas papai Deus tinha outro plano e então quando faltou meu período e eu vi o teste positivo disse "f@d#-\$e! Eu estou grávida, po##@, eu tenho tudo para ser mãe vamos para frente", e eu estou aqui [...] Aprendendo, aceitando, descobrindo, sonhando e vivendo sendo mãe!!! (Rosa no grupo de mães) [12:51, 22/10/2018]
- "A mim, meu marido me deixou grávida com toda a intenção, porque passávamos uma crise e bom.. sabia que não tinha tomado a pílula, apesar de que eu tenho endometriose e uterina retoverso .. eu acreditava que não ia ficar grávida .. E eu tomei a pílula de emergência depois de ter relações sexuais, mas nada .. aqui está a A.I. com um ano de idade. Que honestamente eu entendi quando era mãe foi quando ela nasceu, porque eu estava em choque os primeiros meses, eu não estava preparada para ser mãe, nem acreditava que era o momento[...] Até que eu a vi e agora é minha maior bênção e minha mais linda criação. " (América no grupo de mães 10/22/2018)

América é outra das mães que participa como interlocutora direta desta pesquisa, disposta a falar de sua experiência de ‘primeriza’⁹ como ela mesma considera por ser mãe de uma menina de um ano para a data em que falamos, cujas vivências estão marcadas por emoções “não resolvidas” de sua relação com seus pais, como ela afirma. Casou-se ao ficar grávida. É uma mulher jovem, empreendedora, comerciante, amante do trabalho fora de casa. Teve A., sua primeira filha. A maternidade tem sido uma reunião com muitas vozes que lhe dizem como educar. Ela luta entre relacionamentos conflitantes com seu pai, sua mãe. Morou com seus sogros por um tempo e agora começou uma vida independente com o marido. No entanto, ela continua em tempos conflituosos para estar com sua filha, para trabalhar e saber com quem deixar cuidando sua bebê, o dilema de encontrar uma pessoa para dar um bom tratamento para sua filha enquanto ela e seu marido trabalham.

Também está experiência de Andrea que é bem interessante, ela é graduada em gerencia de Recursos Humanos. Casada. Mulher trabalhadora, católica, conservadora, filha de uma família de políticos de classe alta da cidade onde mora. Ficou grávida de gêmeos feliz pela oportunidade de ser mãe. Já tinha experiência no cuidado de crianças pela criação de seus 4 sobrinhos. No entanto, a própria experiência fez a diferença nela como mulher.

⁹ Primeriza: Que pare por primeira vez

"Minha maternidade começou com meu primeiro sobrinho J.M., eu sou a favor de que quando você colabora com a criação de seus sobrinhos (no meu caso congelamento de um semestre da faculdade) são parte de você também [...] e com o meu gêmeos é outra coisa, um outro mundo[...] nos relaxamos e engravidei, e num mês já tinha clonado bebê e foram ambos adorável feijões que não assustar-me, falo de coração, os recebi com o maior amor do mundo desde que os vi " (Andrea¹³ no grupo de mães 10/22/2018)

Em maior privacidade, por conversas particulares no WhatsApp, as interlocutoras expressam emoções, sejam elas escritas ou em áudio. As conversas aconteceram em um tempo diferente, nos momentos em que puderam responder e se sentiram com as condições para aliviar e expor melhor suas ideias. É o caso de Andrea que, em um momento, após o convite para fazer parte da pesquisa, pergunto-lhe sobre o que é maternidade para ela, responde: "Maternidade? Maternidade é o nome dado para desistir de tua vida nos primeiros meses (entender meses x 16 ou 18 meses) para cuidar, criar e amar uma vida que também é tua" (Andrea, Chat Whatsapp 22/10/2018, Tradução nossa), cinco dias depois me diz: "O dia que você me perguntou o que era a maternidade eu estava lotada, cansada e estressada, e agora que eu li a minha resposta foi brutalmente honesta" (Andrea, Chat Whatsapp 29/10/2018). Para ela ter afirmado que a maternidade é uma renúncia à própria vida, foi uma resposta "brutalmente" honesta, muito sincera, verdadeira, mas excedida de sinceridade. O que denota um tipo de culpa ante à perda de identidade como indivíduo com a chegada da crianças.

Rosa numa madrugada que acordou aguardando a chegada do marido -que estava em uma festa- resolveu me responder sobre a maternidade, oportunamente desabafando o sentimento de solidão e parcialidade do processo de criação dos filhos:

"[...]A maternidade tem sido uma fonte de solidão. É fazer tudo sozinha, agora, às 4 da manhã, meu parceiro que não é meu marido é o marido de outra pessoa. Ele tem duas filhas e uma posição sênior na PDVSA. Ele tem o direito de fazer uma vida profissional. Ele tem o direito de sair para a balada. De minha parte, não quero continuar de festa, a carreira profissional também não é minha prioridade. Eu gosto do que faço, gosto de me sentir útil em outro aspecto da vida. É uma pausa da maternidade. Mas eu gostaria de sentir que isso não é apenas sobre a mulher[...]" (Rosa, Audio Whatsapp 5-10-18. Tradução nossa)

As famílias urbanas vêm se formando em pequenos grupos onde pais e filhos moram em uma casa distante de seus parentes, avós, tios. Somado à dinâmica do trabalho, o cuidado com a prole passa a ser cada vez mais terceirizado, com creches e pessoas que podem cuidar dos filhos. No entanto, a decisão de algumas famílias desse tempo, é evitar a terceirização do cuidado de filhos, pai e/ou mãe, são responsáveis por passar o

maior tempo possível com eles –os filhos-, com argumentos como: garantir a saúde emocional das crianças pelo tranquilidade de estar com quem realmente os ama, também considerando sua própria infância (a dos pais) e analisando situações emocionais devido à ausência de seus pais, e não querendo repetir esses processos. No entanto, essas decisões geralmente são claramente atravessadas pelo gênero, uma vez que mulheres e homens trabalham fora de casa ao mesmo tempo, o cuidado, a educação das crianças continua sendo a ocupação total das mulheres:

“Eu trabalho ao igual que o R.¹⁰, vou ao escritório, trabalho de manhã. Há uma pessoa que me ajuda se eu vou levar a criança para a terapia. Cozinha, lava. Muitas vezes ele não cuida dos meninos porque eles querem estar comigo. Eu chego à tarde para brincar, para dar banho, para colocar pijama, se eles estão doentes outra é a questão [...] Eu termino toda a rotina, levanto-me para organizar tudo o que as crianças precisam para o outro dia. Faça novas criações de meu empreendimento. Um esforço, um desgaste” (Rosa Áudio Whatsapp) Tradução nossa

Joanne expressa: “Nós, como família, medimos muito a saúde, então consideramos que as crianças deveriam estar conosco. Não entra no nosso sistema ainda para ser educado por outro ou por outro. Isso não tem sido um problema quando eu tenho que estar com eles, mas eu gostaria de ser economicamente produtiva.” (Joanne, Audio Whatsapp 29-08-18. Tradução nossa)

É evidente a tendência das mães estarem presentes nos primeiros anos de vida das crianças, o que está em desacordo com os planos de vida das mulheres bem-sucedidas no campo profissional e economicamente produtivo. A chegada das crianças na vida de uma mulher modifica prioridades, responsabilidades e desejos. A vida é transformada em sacrifícios, lutas e entregas com "amor", por exemplo, situações que mostram um conjunto de emoções complexas para descrever por elas.

Num post de Carla Candia, (@agobiosdemadre) sobre as "renúncias de mães", publicada em 19 de março de 2015, ela convidava interatuar a seus seguidores com o seguinte texto:

“[...] Algumas renunciam a suas vidas e outros renunciam a seus filhos. Algumas tentam conciliar tudo e desistem de ter tempo para elas, ou de ter momentos íntimos com seu parceiro, ou com seus amigos, ou para investir em sua saúde fazendo esportes ... o que eu sei? A verdade é que qualquer mãe que você conhece é à custa de desistir". É difícil, mas para mim (Carla Candia) a chave para viver com relativa tranquilidade é fazer as pazes com nossas renúncias (que nem sempre têm que ser mesmo) O que você acha?” (@agobiosdemadre post do 19/03/2015. Tradução nossa)

¹⁰ R. Marido de Rosa.

Em 74 comentários, as mães expressam suas renúncias como um sacrifício de amor e orgulho para colher o amor pelo futuro, colocando suas vidas como um sacrifício que valerá a pena no futuro. Comentários diversos: "Algumas mães preferimos desistir de nossas vidas (saídas, academia, sono, refazer a vida) antes de desistir de nossos filhos." Diz uma, e a outra diz: "Renuncies de tomar um longo banho. Dormir tarde nos fins de semana ... comer devagar apreciando a comida .. Mas isso não importa !!! ... Porque o seu bebê chega e diz "mamãe" e tudo valeu a pena"; outra diz "Acho que toda as renuncias de uma mãe leva implícita um lucro que às vezes não o vemos instantaneamente...". Dessa forma diversos apoios ao postulado da renúncia, do sacrifício da maternidade.

"A maternidade é uma coisa diária saborosa, vai da dor à satisfação, do choro ao riso, da fadiga à recaída, da raiva à alegria. E assim hahaha. Um sacrifício completo que tem suas recompensas. É a melhor manifestação do amor incondicional, só nos importamos com a satisfação de ver o amado (filho / filha) feliz. Grupo de mães, Mãe Rm, 22/10/2018. Tradução nossa

Essas renúncias, mudanças e novos estilos de vida também condicionam o relacionamento com o parceiro. Algumas mães expressaram a necessidade de tempo para dedicar atenção ao marido, diz Andrea: "Sim, estou num ponto em que quero ser mais independente e ter mais tempo para L.¹¹ também" Pareceria então que a educação como responsabilidade num casal é unilateral, e é a mulher que deve administrar seu tempo. Mesmo numa sociedade onde os pais estão significativamente envolvidos na criação dos filhos, as mulheres continuam sendo as das "obrigações". Rosa se referendo a seu companheiro diz:

"Quando R. está, às vezes ele faz o esforço para que eu possa pelo menos tomar um banho. Às vezes, não sempre. No entanto, o esforço não dura mais de 10 minutos, porque aos 10 minutos as crianças estão à porta gritando para estarem comigo. Mas ei, ele tem a intenção. Ele pode dizer não, mas eu não posso dizer não. Esse é o resumo de toda a questão" (Rosa, Audio Whatsapp 29-10-18. Tradução nossa)

Numa conversa do grupo Whatsapp MDM, fiz uma questão querendo que se manifestassem sobre como entendiam a natureza feminina e as obrigações como mães, perguntei: "Todas as mulheres nascem para serem mães?", Respondeu uma mãe:

"Não poderia ser assim porque há mães que parecem não amar seus filhos ou pelo menos não demonstram isso, obviamente eu posso derivar de milhares de variantes, mas, por exemplo, não faz sentido abandonar uma criança! Ou dizemos das mães que maltratam os filhos, vendem e coisas horríveis ... E às vezes acreditamos que não queremos ser mães e

¹¹ L. Marido de Andrea.

descobrir que sempre estivemos dentro de nossos corações e subscientes...” (Madre N. Chat MdM Whatsapp, 22-10-18. Tradução nossa)

É claro que nem todas as mulheres nascem para serem mães, o que acaba sendo uma escolha de vida, uma decisão que condicionará o futuro das mulheres que assim escolhem ser. Mesmo quando o aborto não é legal nos países em que vivem, uma grande porcentagem de mulheres tomou a decisão em algum momento de interromper a gravidez, especialmente mulheres jovens com uma carreira profissional à frente e sem um panorama de lar (casa, marido ou dinheiro) pela frente. Rosa no início de nossas conversas confessa: "Eu me tornei mãe aos 35 anos depois de uma perda aos 23 anos, provocada, não era a hora de ser mãe, estou calma com isso".

Essa decisão das mulheres de ter filhos, passa por uma análise de tempo, energia e vontade, as mulheres avaliam o tempo que estão dispostas a dar para seus filhos, para a educação e o cuidado da prole. Quando perguntei sobre as responsabilidades da maternidade, no grupo Whatsapp MdM, uma mãe respondeu:

“Para mim, o fato de saber que tenho uma responsabilidade espiritual além do físico com meus filhos me leva a assumir esse papel de outra maneira, de saber que eu sou a principal fundadora de suas bases para quando crescerem e/ou eu já não mais esteja” (Madre A. Chat MdM Whatsapp 22/10/2018) Tradução nossa.

No Instagram, Carla Candia, em 18 de março de 2015, publicou uma imagem que dizia: "Ficar em casa com crianças, hobby ou trabalho?", O texto que acompanha a imagem conta sobre uma mãe que resolveu dedicar 5 anos de sua vida a sua filha e considerou a ocupação de ser mãe como passatempo e não trabalho: "[...] Ela disse que era um privilégio e que apesar de ser uma opção de vida válida não poderia ser comparado a uma carreira...", motiva seus seguidores com: "O que você acha?". Entre os 98 comentários, um responde:

“É um trabalho muito complexo e completo ... porque você está 24 horas por dia, 7 dias por semana. Enquanto em um escritório você vai 8 ou 10 horas e deixá-lo de lado quando você vai para casa. Educar e criar um ser é difícil e nenhum título supera o de uma mãe. Que todo mundo quer criar de acordo com seus critérios e que o faz feliz é uma coisa, mas um filho tem que dedicar tempo e como pais responsável devemos entender isso. Os meninos crescem muito rápido e a retribuição de ver como formamos um ser único e maravilhoso NÃO TEM PREÇO ou algum pagamento que o supere” (Seguidora de @agobiosdemadre, 18-03-15. Tradução nossa)

E assim, elas expressam principalmente que cuidar das crianças é um trabalho, algumas expõem como um trabalho de amor, que às vezes pode ser divertido. Outros deixam claro que, mesmo que não seja tão divertido, o amor pelas crianças vale a pena.

Depois, passamos a analisar se a maternidade é uma questão de natureza feminina, sendo que algumas mães já comentaram que nem todas as mulheres podem ou querem ser mães (emocionalmente falando). Escolhi como interlocutora a Tania¹⁶, uma mulher trabalhadora desde muito nova, cujo "relógio biológico" ela sentia que a pressionava. No entanto, o episódio que me levou a essa análise é sua força física diante de um episódio acidental em que seu filho estava em risco, caminhamos juntos e ela tropeçou e caiu, não conseguiu evitar cair sobre o bebê, mas conseguiu evitar colocar seu peso em Pedro de um ano, com os cotovelos e braços arranhados, mancando, voltando para casa, ela checkou a criança, pensou em fazer em fazer raio X, só pensou nele. Essa imagem me fez pensar sobre a proteção que uma mãe tem para seu bebê, onde sua dor física é invisível ante as necessidades do bebê.

No entanto a história da Tania é uma daquelas que não consigo desenvolver mais do que tem sido a observação e anos de conhecê-la. Ela é licenciada em tecnologia de alimentos, tem um concubinato com o seu parceiro. Mãe de um menino de dois anos. No namoro ficou grávida, continuou com o seu trabalho, e sua relação conflitiva e complexa com o companheiro, que desde o início foi difícil. Resolveu amamentar, motivada pelo seu filho, escolheu uma criação que seria diferente da sua experiência pessoal na infância. Nossas falas são um alívio do estresse que vive em relação à sua mãe, uma mulher que tem sido contrária às decisões sobre a maneira como ela educa seu filho. O pai do filho emigrou e ela só tem o apoio de sua mãe para cuidar do bebê. A mãe de Tania estava ausente em sua infância, uma mãe guerrilheira nicaraguense que considerava a "revolução mais importante que sua filha", ela -Tania- decidiu não repetir o padrão parental de sua mãe. No entanto, é refletido em nosso diálogo, sempre que procure fazer perguntas para ela, buscando definir os conceitos aqui discutidos, não obtive uma resposta, as agonias relacionadas ao cuidado de seu filho, o trabalho e tentar trazer à tona a educação dele com o pai distante, deixando o bebê aos cuidados de sua mãe, a avó, que é uma mulher com certos problemas psicológicos. Seu processo tem sido complexo, mostra como ela persiste em ser mãe e estar presente na educação do bebê, evitando creches, mesmo contra toda a pressão da mãe e do irmão, ela persiste em uma maternidade diferente daquela vivida em sua própria infância.

Diz uma mãe do grupo de Whatsapp: "A maternidade viaja na sua memória celular ... O que você traz da sua árvore ... A maternidade dos seus antepassados ..." (22/10/2018). Como Carla Candia expressa em "herdamos de nossas mães", uma nota de voz do dia

28-10-18, sobre o que não devemos dizer, e que há condenação por expressar desconforto, porque se considera que falar de incômodos na maternidade, é falar mal dos filhos, e isso é imoral. O instinto materno para as mães é muito diverso, mas é evidente que é uma criação social, está condicionada ao que foi aprendido com outras mães, ao que se observa como o "deve ser" nesta sociedade ocidental. América fala do seu instinto materno:

“O instinto materno, sinto que não o tenho totalmente desenvolvido. Porque sinto que sou relaxada em muitos aspectos. Eu não sei se isso é bom ou ruim, ou eu realmente não sei se isso é ter o instinto maternal, porque eu não sou das mães que estão em cima dela. Eu deixo ela engatinhar, que experimente. Eu tive um estilo de vida muito diferente do que tenho agora. Eu não gosto da rotina, não gosto de fazer sempre o mesmo. Me custou muito me adaptar ao fato de que agora sou mãe” (América. Audio Whatsapp 30/08/2018. Tradução nossa)

Para outras, o instinto materno pode se traduzir em força física para o cuidado de crianças pequenas: "Às vezes acho que vou entrar em colapso, que cairei no chão. Meu Deus dá-me a sabedoria para suportar, estar com meus filhos [...]" (Rosa Audio Whatsapp. 22-10-18)

Vemos como as mulheres que participam desta pesquisa são mulheres trabalhadoras, que desejam produzir economicamente, que têm se emancipado do trabalho doméstico, outras cujas necessidades sexuais passam por outro tipo de prazer (romântico, atenções, mais que um simples coito), outras cansadas de manter uma imagem física em médio da complexidade de compromissos: trabalho, filhos e tarefas do lar.

Discussão final:

Na atualidade, em algumas sociedades ocidentais as mulheres casadas começaram a expressar o que Saffioti expressou em 1987 “não se trata de ensinar os homens a auxiliarem a mulher no cuidado com os filhos e a casa, pois sempre que a atividade de alguém se configurar como ajuda, a responsabilidade é do outro”. As mães, além do trabalho assalariado, as tarefas domésticas, tiveram a responsabilidade de cuidar da prole, com o homem apenas desempenhando o papel de "ajuda". Em vista que este movimento tem se intensificado, considereei que através da função comunicativa que cumprem as Social Network (Instagram, WhatsApp) nestes tempos, posso conversar com mães que se encontram distantes e ocupadas com suas funções com filhos e trabalho profissional, posso acompanhar algumas contas do Instagram que promovem temas relacionados à maternidade, observando as respostas a essas abordagens e

preocupações que as mães possuem. Assim, mediante falas de amigadas, pôr os diferentes meios que acompanham esta pesquisa, em falas espontâneas. Desenvolvi esta pequena etnografia das vivências das mães que participaram dessas redes, apresentando o que lhes agrada e que lhes incomoda de sua vivência depois de ter filhos.

Parece que tornar-se mãe é assumir uma nova identidade, uma nova pessoa com características diferentes de ser mulher. Mulher feminina que se veste e se arruma e fica linda, uma mulher com características consideradas exclusivas do feminino: sexy, trabalhadora, independente, sem se preocupar com outra pessoa. Mulher trabalhadora, economicamente produtiva, que produz um capital. Mulher amorosa que cuida do marido, com tempo para atender ele exclusivamente. Como mãe, o corpo é transformado, o cabelo cai, o tempo é compartilhado com o cuidado da criança, a exigência de energia física é dobrada e o tempo individual é reduzido para desenvolver atividades diversas, que somam à antiga vida de mulher sem filhos um novo ingrediente: filhos.

Lefaucheur (1993) sobre a família ocidental moderna afirmou que “com a esterilização do leite animal, dos biberões e tetinas, e com a aperfeiçoamento do leite e dos alimentos industriais para bebês [...] pode substituir a mãe na alimentação do recém-nascido [...] Tecnicamente, por tanto, a presença contínua da mãe ou de uma outra mulher em período de lactação junto do recém-nascido já não é necessária para garantir a sobrevivência deste. As novas técnicas de alimentação do lactante tornam possível a divisão do trabalho de alimentação, tanto no interior do par genitor como entre este e outras pessoas (famílias, vizinhos, amigos, empregados, amas “secas”) ou instituições (creches).” Entretanto, as interlocutoras que fizeram parte desta pesquisa demonstraram que a preocupação não é apenas alimentar as crianças, mas a necessidade da presença de adultos significativos (mãe e pai) na vida da criança, considerando-a como uma contribuição fundamental para a formação de indivíduos emocional e fisicamente saudáveis para a sociedade.

Os diálogos com as mães demonstram a necessidade de desnaturalizar a relação da mulher-mãe tem com seus filhos, principalmente, se diferencia da relação desta com o parceiro, sua feminilidade, cuidados pessoais, o que os hormônios fazem em seu corpo no pós-parto. Assim suas obrigações como mãe são construídas socialmente e transmitidas pelas gerações anteriores, mas na atualidade as interlocutoras desta

pesquisa demonstram que têm tomado a decisão de questionar aquelas obrigações maternas e expõem em público o "indizível": desconformidade com seu papel materno.

Então, sendo que sempre as mulheres tem a possibilidade de não terem filhos, quando uma mulher aceita ter um filho, ela passa por um processo de insegurança e alegria ao mesmo tempo, sabe que é uma decisão arriscada que envolve não apenas a educação, mas também muitas pessoas, porque mesmo quando é mãe e a maior responsabilidade é dela, os que estão no entorno são afetados nessa transformação que vem à vida de todos. Neste caminho há vários movimentos de reivindicação da maternidade, conscientizando pelas Redes Sociais a todos os usuários/seguidores interessados em discussões interessantíssimas sobre maternidade e paternidade.

Nesta reivindicação da maternidade é considerada a necessidade das mulheres viverem suas vidas e garantirem uma vida de qualidade para seus filhos, aumentando cada vez mais a necessidade de uma "tribo", de uma sociedade que esteja envolvida de forma respeitosa na criação da prole, considerando que a responsabilidade absoluta nas mulheres deste processo gera atrito, tensão e desassossegos.

As relações de poder do homem sobre a mulher, ou do que a mulher permite ao homem, dos abusos, da desvalorização, continuam acontecendo de maneira muito sutil e por vezes imperceptível. Mesmo quando os casamentos são estabelecidos com um aparente equilíbrio moderno, se evidencia nas mulheres que fizeram parte dessa pesquisa que a obrigação de cuidar os filhos é só delas; e, às vezes, apenas às vezes, delegam a seus parceiros e outros membros da família as responsabilidades inerentes para a criação dos filhos.

Considero importante a análise realizada por Bitencourt (2001) em sua tese *Candidatas para a Ciência, a maternidade no doutorado, sobre a produtividade das mulheres*:

A relação entre produtividade e maternidade é um binômio que passa por diferentes compreensões na literatura sobre gênero e produtividade (FERREIRA et alii 2008). Enquanto algumas correntes compartilham da perspectiva que as mulheres seriam tão produtivas como os homens, pois o sucesso na carreira científica dependerá da capacidade individual (COLE; ZUCKERMAN, 1987), outros autores têm mostrado que as mulheres conseqüentemente vivenciam desvantagem devido à maternidade exigir tempo e dedicação das mães. ... as mulheres que têm filhos não necessariamente produzem menos. A maternidade pode representar um período de baixa na produção acadêmica durante algum tempo, mas isto não determina que a maternidade pode tornar a mulher improdutiva, por isso a maternidade não pode ser um motivo de abandono ao projeto de carreira profissional. (Tabak, 2002, apud. Bitencourt 2011)

Com isso, considero que uma das questões que as mulheres enfrentam é a autodefinição de seu desempenho com base no que diz seu entorno, o que aprenderam com a mãe, o que ouvem no trabalho. Esses ambientes sociais condicionam sua fala e geram uma pressão para ser uma "mãe boa e ideal", sem deixar de ser "mulher", com todas as suas implicações, "mulher-amante", "mulher-produtiva".

Os grupos de mães, o acompanhamento de outras mães me ensinaram que a maternidade é tão diversa, mas comum ao mesmo tempo. As mães sofrem quase as mesmas agonias, só apenas algumas toleram mais do que outras. Às vezes, elas se perdem ao julgar as outras mães, sem conhecer as histórias das outras. Diz uma mãe em algum momento "sinto que eu não tenho amigas, porque até mesmo amigas mães, dedicam tempo para cuidar do marido e deve manter a comida ou aguardar o retorno do trabalho. Então ninguém quer ser minha amiga porque eu sou muito feminista, quero sair, andar, fazer minhas coisas”

As mulheres estão silenciosamente procurando mostrar que o que fazem é extraordinário, e mesmo quando ficam chateadas quando são comparadas a outras, estão realmente gritando para serem reconhecidas por seus trabalhos. Para isso, grupos de WhatsApp, Instagram, comunicação escrita ou por notas de voz, na vida agitada de uma mãe, é um espaço oportuno para sororidade na maternidade sozinha das mulheres que formam parte desta pesquisa. Amizades são formadas e espaços para formação, respeito e irmandade são mais repetidos.

Referências bibliográficas

- Beauvoir, S. *O segundo sexo. A experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Editora: Nova Fronteira, v.2, 1949.
- Bitencourt, S. M. *Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado*. Florianópolis, SC. 2001.
- Guimarães, M. *Sociabilidade no Ciberespaço: distinção entre plataformas e ambientes*. In: 51ª Reunião Anual da SBPC-PUC/RS, julho de 1999.
- Lefaucheur, N. *Maternidade, Família, Estado*. In: História das mulheres no ocidente. Georges Duby e Michelle Perrot. São Paulo. 1993
- Molina, M. E. *Transformaciones Históricas Culturales del concepto de maternidad y sus repercusiones en la identidad de la mujer*. p, 93-103. 2006.
- Saffioti, H. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna LTDA. 1987
- Salem, T. *O Casal Igualitário: princípios e impasses*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS. Número 9, vol 3. Fevereiro de 1989. São Paulo. 1989.
- Scavone, L. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*. Cadernos Pagu (16) 2001: pp. 137-150. 2001.